

Ângelo Novo

Outro mundo

estratégias criativas

Sumário

DUAS PALAVRAS NECESSÁRIAS	9
1	
CONSTÂNCIA, TRANSFORMAÇÃO E RUPTURA	13
2	
NOVOS RUMOS DO COMUNISMO	23
3	
OS SEGREDOS DA «SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO»	57
4	
NOTAS SOBRE O ESTADO ACTUAL DA QUESTÃO IMPERIALISTA	71
5	
QUE OUTRO MUNDO É POSSÍVEL?	87
6	
O CASO SNOWDEN	111
7	
DEMOCRACIA, CAPITALISMO E REVOLUÇÃO	125
ÍNDICE REMISSIVO	157

Duas palavras necessárias

Um dos mais curiosos paradoxos da nossa era é que, justamente no momento em que se torna patente a falência do projecto da razão universal proclama-se a globalização da economia. Tendo a acumulação deixado de ser um privilégio do mundo ocidental, as luzes jorram agora de variadas direções e com tonalidades distintas. Tendo sido um instrumento de conquista e subjugação do outro, agora revoltam sobre si mesmas, encandeando mais que esclarecendo. A transparência que prometiam revelou-se afinal um sistema caótico de vigilantismo ubíquo, vil engano, vesgo ódio antissocial. Quem continua a fazer do homem a medida de todas as coisas deixou em definitivo de adorar confiadamente no altar do progresso.

É que o ritmo e o rumo dos nossos dias, em todos os azimutes, continuam a ser determinados por esse ídolo voraz e onnipotente que é o capital. Acumulai ou perecei, eis aí Moisés e os profetas. Em ciclos cada vez mais curtos, feéricos, sincopados e implacáveis. Em detrimento dos meios de integração e asseguramento da sobrevivência física de uma fração sempre crescente da humanidade. Em detrimento da nossa integridade, honra, amor, família, amizade ou consciência. Em detrimento do nosso próprio meio ambiente vital ou da capacidade de adaptação noética da espécie humana. O que hoje é verdade, amanhã pode ser mentira. Sempre e sempre em circuito, de forma cada vez mais veloz e mais cega.

Desde que me conheço tenho vivido em revolta contra o estado de coisas existente no mundo e procurado mentalmente, de forma incessante, vias para a sua transformação radical. Como já não sou jovem, toda esta atividade foi deixando alguma sedimentação consolidada. Nunca fui dirigente político nem tenho mínimas condições para o ser. Entendo, no entanto, ainda assim, que é minha responsabilidade

deixar um registo dos meus planos de escape à consideração dos meus co-prisioneiros neste sistema concentracional da propriedade privada e da mercadoria. Algum dia os haverá mais afoitos e capazes do que eu para empreender a fuga coletiva que se impõe. Para a consecução desse objetivo nenhum contributo, por ínfimo que seja, deve ser deixado por exprimir.

A perspetiva que aqui se expõe é, pois, fundamentalmente, a de um espectador comprometido e apaixonado com o grande espetáculo da humanidade. Não a de um ator que tivesse interagido efetivamente com a sua circunstância e aprendido mediante a avaliação de tentativas e erros próprios. Não estive na linha da frente. De todo o modo, o movimento anticapitalista global está ainda numa fase de formação e de definições elementares. O que aprendi, devo-o unicamente ao estudo e à reflexão, em grande medida solitária, sobre a experiência passada (aí incluída a mais recente) dos movimentos de resistência e emancipação das grandes massas laboriosas e coniventes. A história das suas lutas contra constantes agressões crematísticas que lhes são dirigidas já vem muito de trás. Muito para lá de Marx e do movimento operário, esses nossos contemporâneos. Ganhar-se-à, porventura, alguma coisa em tomar consciência plena disso. A sucessão dessas lutas é também, assim o espero, uma progressão contínua na sua autoconsciência. Até que luta, consciência e libertação se tornem, por fim, um único gesto contemporâneo a si próprio.

‘Constância, transformação e ruptura’ foi a comunicação que dirigi ao II Congresso Marx e Engels organizado pelo Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Universidade de Campinas. As amizades de grande proveito que fiz nesta viagem de dez dias ao Brasil, com passagens por São Paulo e pelo Rio Grande do Norte, são demasiado numerosas para nomear aqui. Foi, verdadeiramente, “em cada esquina um amigo”. Não pode, porém, ficar sem referência Ivonaldo Leite, cuja amizade já vinha muito de trás. Foi em conversas com ele, durante a sua longa estadia na cidade do Porto, que muitas ideias expressas neste livro germinaram espontaneamente, se desenvolveram ou se clarificaram.

‘Novos rumos do comunismo’ teve uma primeira publicação em Crítica Marxista, n.º 22 (1º semestre de 2006). A presente versão é mais extensa e desenvolvida do que permitiam as normas editoriais daquela excelente revista brasileira, de que sou colaborador internacional e em cuja direção participa o meu excelente amigo e irregular correspondente Armando Boito Jr.

‘Os segredos da «sociedade da informação»’ surgiu em letra impressa na revista Política Operária, n.º 95, maio-junho de 2004. Fui colaborador permanente durante mais de quinze anos desta revista bimestral da esquerda revolucionária, editada em Lisboa por Francisco Martins Rodrigues (1927–2008). O que aí publiquei, pela sua maior parte, pode ser definido como jornalismo contra-a-corrente ou desmontagem do noticiário hegemónico. Mas tive sempre grande abertura para pro-

por também reflexões teóricas inovadoras e pesquisas originais. 'Notas sobre o estado actual da questão imperialista' foi igualmente publicado, numa primeira versão, na revista Política Operária, n.º 90, maio-junho de 2003.

'Que outro mundo é possível?' teve a sua versão final publicada na revista Vértice (II Série), n.º 117, maio-junho de 2004. Nesse tempo eu ainda estava esperançado na emergência de uma "Esquerda de Porto Alegre" a partir do processo do Fórum Social Mundial. De todo o modo, a alter-globalização, a nova Internacional, continuará a ser uma dimensão fulcral da luta em curso, a exigir uma reflexão aprofundada.

'O caso Snowden' e 'Democracia, capitalismo e revolução' foram publicados unicamente na revista eletrónica O Comuneiro (www.ocomuneiro.com), que se coloca em linha semestralmente, desde setembro de 2005, com edição minha e de Ronaldo Fonseca. Aí temos procurado manter, para todo o espaço da língua portuguesa, um laboratório estratégico e uma trincheira de ideias ao serviço do ascendente movimento anticapitalista. Todos os demais ensaios publicados neste volume, acima referidos, foram também republicados em O Comuneiro. O Ronaldo é um grande companheiro, com quem mantenho exaustivos diálogos sobre tudo o que importa, normalmente caminhando pelas ruas de Braga.

Este autor adere à reforma ortográfica em curso, mas entendeu não retocar a grafia de textos anteriores à sua entrada em vigor, agora tão contestada pelos indefetíveis das consoantes mudas.

O título que achei para esta breve exposição introdutória faz alusão a dois textos de Bento Gonçalves, ambos escritos no campo de extermínio do Tarrafal, um deles em papel de sacos de cimento. Pioneiro e mártir do marxismo português, este primeiro Bento (o segundo foi Caraça) era um homem que verdadeiramente pensava o mundo a partir do gesto e imaginação laborais. A reapropriação do fazer numa ontologia da liberdade criativa humana finalmente reconciliada com o seu ambiente natural continua a ser o grande desafio do nosso tempo. Enquanto há tempo que possamos ainda vir no futuro a resgatar como nosso.

maio de 2018

CONSTÂNCIA, TRANSFORMAÇÃO E RUPTURA

HIPÓTESES PARA UMA TRANSIÇÃO AO COMUNISMO

À LUZ DA TEORIA MARXISTA DA HISTÓRIA

Neste pequeno ensaio vou proceder a um exercício intelectual pouco comum, de estatuto epistemológico um tanto incerto. Partindo de um reconhecimento científico (crítico) das encruzilhadas que têm sido presentes às sociedades humanas ao longo do tempo, vou tentar fazer um pouco de prospectiva ou história do futuro como dizia um poeta.

0. *“Check In”*

Antes de embarcar nesta aventureira viagem, é necessário porém prestar algumas declarações sobre a minha bagagem. Sou um realista crítico, com uma concepção materialista integral do mundo. Penso que a linguagem que melhor pode aspirar a descrever o Universo é a matemática. O big-bang, a expansão do espaço-tempo, a formação das galáxias, a síntese do carbono, as primeiras células procarióticas, a explosão do câmbrio, a ascensão dos homonídeos, o fabrico de instrumentos, a revolução urbana, as lutas de classes, a baixa tendencial da taxa de lucro - tudo, absolutamente tudo o que a mente humana pode abarcar da sua longa espiral evolutiva será passível, em última instância, de uma representação numérica. No limite, pelo alinhamento em combinações infinitas, distribuídas por infinitos níveis e sub-níveis, de sinais positivos e negativos. Sei bem quanto esta afirmação neopitagórica é susceptível de provocar escândalo, e não é minha intenção evitá-lo.

O monismo ontológico dos fundadores do marxismo é um legado precioso, que merece a pena defender com intransigência, para lá de querelas paroquiais entre tradições culturais ou ramos do saber distintos. Neste limiar do século XXI, temos por estabelecido para lá de qualquer plausível dúvida metafísica que somos todos “filhos e primos de poeiras estelares”, que a história das sociedades humanas é parte integrante da história geral da matéria em movimento. Esta aquisição cultural irreversível é um dado suficientemente importante para que sobre ele tracemos uma rigorosa linha de demarcação com discursos ideológicos e teóricos incompatíveis¹. Em primeiro lugar por um imperativo de sobrevivência, pois que em grande medida foi a própria ameaça de ruptura ecológica que nos impôs a generalização desta visão holística do mundo². Em segundo lugar, e de forma não isolável, por uma questão de método.

São várias as opiniões admissíveis sobre os toscamente nus alicerces do projecto de Engels de uma ‘Dialéctica da Natureza’, para além de todos os equívocos por ele já ocasionados no passado “século dos extremos”. Mas certo é que não é já possível hoje pensar as ciências da natureza que não de uma forma dialéctica³. E se toda a epistemologia tem a sua ontologia subjacente, a hora que soa na cidade global é a de pensar o Uno, nas suas múltiplas e excêntricas cisões contraditórias. Evitando, por certo, os escolhos do reducionismo e da abusiva migração de conceitos entre distintos ramos do saber. Mas tendo também presente que, em todo o fluxo histórico da matéria, há alguns sinais de percurso recorrentes que chamam a nossa atenção, como que numa desmultiplicação irónica de fractais. Há, por assim dizer, alguns “bons truques” que a organização da matéria, no seu incessante devir, se compraz em repetir, a diversos e desencontrados níveis. Repetição e diferença, cara e coroa, o similar e o diverso, A-B-A. Tenho aqui em vista, particularmente, alguns paralelos que se podem estabelecer entre a biologia evolutiva e a sucessão dos modos de produção na história social.

-
1. Uma das poucas vozes, na segunda metade do século XX, a remar contra a maré avassaladora e desdenhosa do “marxismo ocidental” (hegeliano, historicista, existencialista, freudianizante, neopositivista, estruturalista, etc.) foi a do filólogo italiano Sebastiano Timpanaro em *Sul Materialismo*, Pisa, Nistri-Lischi Editori, 1970.
 2. Cf. John Bellamy Foster, *Marx's Ecology – materialism and nature*, New York, Monthly Review Press, 2000; Paul Burkett, *Marx and Nature*, Haymarket Books, Chicago, 2014 (edição original, 1999). Estas duas obras gêmeas constituem os pilares fundadores do atual ecossocialismo.
 3. Cf. João Maria de Freitas Branco, *Dialéctica, Ciência e Natureza*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

Nutro alguma simpatia céptica pela famosa “inteligência” (ou monstro) de Laplace.

Pierre-Simon Laplace, matemático e astrónomo francês da época napoleónica, escreveu no seu “Essai philosophique sur les probabilités”: «Nous devons envisager l'état présent de l'Univers comme l'effet de son état antérieur, et comme la cause de celui qui va suivre. Une intelligence qui pour un instant donné connaîtrait toutes les forces dont la nature est animée et la situation respective des êtres qui la composent, si d'ailleurs elle était assez vaste pour soumettre ces données à l'analyse, embrasserait dans la même formule les mouvements des plus grands corps de l'Univers et ceux du plus léger atome: rien ne serait incertain pour elle, et l'avenir, comme le passé, seraient présents à ses yeux.»⁴ *Œuvres*, Gauthier, Villars, vol. II, 1, pp. 6-7 (1886).

Esta fórmula lapidar tem sido considerada como o expoente máximo de uma profissão de fé determinista, votada ao ridículo desde o triunfo ideológico da “interpretação de Copenhaga”. Mas o desafio onto-gnoseológico nela encerrado (questão totalmente diversa da sua pertinência metodológica) está naturalmente longe de encerrado, e provavelmente nunca o será. René Thom, matemático francês recentemente falecido, criador da ‘teoria das catástrofes’, teve mesmo algumas palavras de reavaliação desta visão de Laplace, qualificando-a como “esse ideal inultrapassável de legalidade científica” (cf. Jean Hamburger (coord.) *A filosofia das ciências hoje*, Fragmentos, Lisboa, 1988, p. 14).

Todavia, não sou determinista, pelo menos no sentido clássico do termo. Ao contrário de Einstein, creio que “Deus” é de facto malicioso e joga aos dados. Ou, pelo menos, jogou-os uma vez num longuíssimo lanço indecifrável. Por muito que o conhecimento humano avance, ficará sempre aquém do ponto em que ele nos permitiria prever o futuro, por meio de um encaidamento sem falhas de causas e efeitos (aliás, sabêmo-lo hoje, dialecticamente reversíveis). A corrente do devir ficará para nós sempre mergulhada na indeterminação caótica e nos cálculos probabilísticos, que são o meio por que podemos, ainda assim, do mesquinho e ignaro ponto de vista em que vivemos encerrados, dar alguma luta às formidáveis potências incógnitas do destino.

4. «Devemos considerar o estado atual do Universo como o efeito de seu estado anterior e como a causa do que virá a seguir. Uma inteligência que, por um dado momento, conhecesse todas as forças de que a natureza está animada e a situação respetiva dos seres que a compõem, fosse ela, por outro lado, suficientemente vasta para submeter esses dados à análise, abraçaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e os do mais ligeiro átomo: nada seria incerto para ela, e o futuro, como o passado, estariam presentes aos seus olhos.»

1. *Problemas e paradoxos do materialismo histórico clássico*

Quando o materialismo histórico começou a ser discutido na sociedade culta europeia do último quartel do século XIX, os seus principais divulgadores e defensores – Engels, Kautsky, Mehring, Plekhanov, Lafargue – foram frequentemente confrontados pelos seus opositores com a queixa de que não existia uma “obra” que expusesse e aplicasse fundamentadamente o novo método a toda a História Universal. Tentaram eles defender-se com algumas justificações de circunstância mas a verdade é que, com os instrumentos teóricos então disponíveis, esta história universal marxista era então, simplesmente impossível. Por economia de exposição vou dar aqui por sobejamente conhecidos os conceitos elementares que constituíam então o núcleo teórico essencial da ciência histórica marxista: modo de produção, formação social, forças produtivas, relações de produção, infraestrutura, superestrutura, classes sociais, luta de classes, transição, etc..

Tornou-se possível (mas então absolutamente imprestável) com a falsificação dogmática de cunho estalinista que pretendeu encerrar toda a história num esquema unilinear, válido para todas as sociedades humanas, no qual se sucederiam fatalmente, por esta mesma ordem: o comunismo primitivo, o escravagismo, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo. Deste modo o materialismo histórico era rebaixado ao nível de uma simples (e simplória) “teoria histórico-filosófica da marcha geral, fatalmente imposta a todos os povos”, justamente aquilo a que Marx se referiu expressamente como sendo um empreendimento cuja atribuição de autoria lhe faria, simultaneamente, demasiada honra e demasiado opróbio⁵.

Na década de 1960 reacendeu-se com grande vivacidade, no campo marxista, o debate sobre as “etapas do desenvolvimento histórico”. O conceito de “modo de produção asiático” foi objecto de uma extensa e exaustiva reapreciação, sob o pano de fundo político da cisão sino-soviética e da ascensão das nações afro-asiáticas à auto-determinação, na busca de um modelo de desenvolvimento próprio, à medida da sua concreta experiência histórico-social acumulada⁶.

5. Cf. Carta à redacção do ‘Otechestvennye Zapinsky’ (dita “carta a Mikhailovsky”), in Marx, Engels, Lenine, *Sobre as sociedades pré-capitalistas*, Lisboa, Seara Nova, 1976, p. 191 ss.

6. Gianni Sofri, *O modo de produção asiático – história de uma controvérsia marxista*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, oferece um apanhado geral da questão, com algumas observações críticas interessantes. Para o debate em França, animado sobretudo por Maurice Godelier, leia-se C. E. R. M. (Centre d’Études et Recherches Marxistes), *O modo de produção asiático*, Lisboa, Seara Nova, 1974.

O “modo de produção asiático” (que certos autores quiseram ainda rebaptizar, com algumas variações, como de “despotismo aldeão”, “modo de produção tributário”, etc.) serviu, porém, em larga medida, como simples escapatória de conveniência aos impasses do unilinearismo. Nenhuma sua definição conceptual se revelou capaz de abarcar, como pretendido, experiências históricas muito diversas no Médio Oriente, na Ásia, em África, na América pré-colombiana, na Polinésia, etc.. Fracassaram assim os intentos de criar com base nesta “gazua” uma teoria geral universal da passagem primordial às sociedades de classes, que franqueasse ao mesmo tempo uma possibilidade de transição directa ao capitalismo ou ao socialismo. O unilinearismo não podia ser ultrapassado com simples soluções expedientes de curto-circuito.

De entre as concepções teóricas genuinamente multilineares, a que mais me impressionou foi a avançada por Jean-Jacques Goblot, no final dos anos 1960 numa série de artigos publicados na revista ‘La Pensée’⁷. Este historiador, então ligado ao PCF, começa por afastar decididamente a existência de um qualquer processo teleológico por meio do qual os modos de produção tendam a desembocar sucessivamente uns nos outros, por efeito do mero desenvolvimento lógico das suas contradições internas. A “necessidade” do desenvolvimento histórico tem que ser entendida de uma forma completamente diferente. A história é astuciosa e rompe sempre pelo “lado mau” ou pela “mão esquerda”.

Quando falamos de história, falamos aqui obviamente daquilo a que Marx chamou a “pré-história” das sociedades humanas, que é o único objecto do materialismo histórico. Quando a história se emancipar do seu presente estado “natural” e for objecto de um controlo consciente, deixaremos por certo de lhe procurar decifrar *a posteriori* as leis do seu desenvolvimento.

Para Goblot, “tudo se passa como se a humanidade, para progredir, tivesse ao mesmo tempo de conservar as aquisições da sua história passada e libertar-se do seu peso”. Precisa de preservar a herança técnica e cultural anterior, mas também de buscar pontos de ruptura que lhe permitam “recomeçar de novo” num ambiente mais livre que lhe ofereça uma nova “oportunidade histórica”. O que pode passar pela ocorrência de catástrofes regressivas temporárias, transferências culturais para fora do meio de origem, comércio, migrações, conquistas, etc.. Ora, estes pontos de ruptura são contingentes, resultam de

7. Reunidos depois num ensaio de que há tradução portuguesa: ‘A história das «civilizações» e a concepção marxista da evolução social’, incluído em A. Pelletier e J. J. Goblot, *Materialismo histórico e história das civilizações*, Lisboa, Estampa, 1975.

dados históricos conjunturais e não podem de modo algum ser simplesmente deduzidos da necessidade que governa o conjunto do processo histórico.

A necessidade do movimento histórico total exprime-se pois a um outro nível. Está implícita, em germe, desde o momento em que, por intermédio da produção organizada, as primeiras sociedades humanas emergiram da condição de simples apropriadoras da natureza, acedendo ao estado de “ser humano natural”. Este primeiro corte – que não é de modo algum dado à partida, mas já ele próprio produto do desenvolvimento – inaugura então uma era de “rupturas paradoxais” por intermédio das quais a história humana vai continuamente rompendo os seus próprios limites naturais anteriores.

Significa isto que esses limites da “natureza” não são ultrapassados de uma só vez, por um acto inaugural isolado e definitivo, mas sim “por uma série de rupturas cuja sucessão constitui um movimento”. Ora, o carácter contingente da ocorrência destes pontos de ruptura de modo algum nos exime à análise científica destas “soluções” particulares, que exprimem afinal, no seu próprio conteúdo, a natureza universal do processo histórico de conjunto.

2. Rumo a uma nova síntese

O “modelo” de Goblot é de alto poder cognitivo, de uma impecável elegância dialéctica, sugerindo ainda uma linha de continuidade epistemológica entre a história biológica (“natural”) e a história das sociedades humanas (“cultura” ou “civilização”). Parece, contudo, deixar de fora a luta de classes.

A história – entendida como processo de expansão contínua dos limites de disposição espacial da esfera da cultura sobre a esfera da “natureza” – pode efectivamente romper pelo lado “de fora”. Muitas vezes o fez, como o atesta a recorrente ascensão e queda dos impérios. Mas não é de todo incomum que os ditames da sua astúcia a levem também a romper “em frente”. É sabido como o processo de luta de classes muitas vezes se encerra “pela ruína comum dos contendores”, deixando os respectivos despojos técnicos e civilizacionais para ser recolhidos e recombinaados, à sua medida, por outras formações sociais mais “atrasadas”. Muito menos certo é se isso *teria de ser assim*, por um fatal estrangulamento inscrito na sua dinâmica interna (teoria do “despotismo asiático”, p. ex.), ou se isso ocorre simplesmente por não ter surgido, na altura certa, no grande e contingente teatro das suas lutas intestinas, a fórmula de transformação social certa para a fazer saltar adiante.

De um modo ou de outro – pelo “centro” ou pela “periferia” –, falta ainda teorizar as condições específicas em que se produzem aqueles particulares

pontos de ruptura que abrem novas “oportunidades” para o prosseguimento, em bases mais amplas, do processo histórico. Este é, decerto, um objectivo bem mais modesto do que uma teoria geral da sucessão dos modos de produção, tentada pela escola althusseriana através de um jogo combinatório de invariantes estruturais, com resultados que me parecem totalmente insatisfatórios⁸.

A meu ver, o leque de possibilidades de mudança social é delimitado pelos recursos disponíveis em saber técnico e organizativo. Mas a via que vamos seguir efectivamente, essa será resultado da constante guerra de atricção que os actores sociais mantêm entre si. Dessa guerra de posições (que oferece periodicamente episódios de guerra de movimento e ruptura profunda) é que resultarão as novas organizações políticas e sociais. E estas serão tanto mais bem sucedidas e terão, por assim dizer, maior sucesso “reprodutivo” (em sentido quase darwiniano) e expansivo quanto conseguirem organizar de forma óptima (o “*one best way*”, se se quiser) os recursos técnicos, organizativos e de saber científico disponíveis e mobilizáveis socialmente.

A marca de uma transição bem sucedida entre modos de produção dominantes é precisamente esta fixação e institucionalização, de entre as várias hipóteses que emergem, de forma espontânea e um pouco aleatória, do ruído de fundo constante da luta de classes, de uma fórmula relacional (tributo, escravatura, servidão, salariado, etc.) que se revela a mais adequada para prosseguir o processo de produção, ao nível de desenvolvimento das forças produtivas atingido pela sociedade em questão.

Isto que se passa ao nível da macro-história, passa-se também ao nível das pequenas variações dentro de um mesmo modo de produção dominante. Por exemplo, com os vários modelos de “regulação” capitalista: liberalismo concorrencial, fordismo/keynesianismo, toyotismo/neo-liberalismo, etc. Todos eles são o produto transiente de uma determinada e momentânea correlação de forças na luta social que é depois cooptado – na medida em que “funciona” – para fixação num quadro de compromissos institucionais. Quando o novo modelo, por sua vez, começa a revelar anomalias e disfuncionalidades, os dados são lançados de novo, nas ruas. E aí se verá, pela dimensão da brecha aberta, se ocorrerá uma mera recomposição ou uma ruptura em profundidade.

A luta de classes abre assim o caminho, mas fá-lo um pouco “às cegas”, já que os seus actores e protagonistas (mesmo os mais esclarecidos dirigentes) não sabem verdadeiramente para onde se dirigem, ou quando julgam sabê-lo

8. Uma crítica detalhada deste empreendimento pode ser encontrada em João Esteves da Silva, *Para uma teoria da história – de Althusser a Marx* (2 vols.), Lisboa, Diabril, 1975.

acabam normalmente por ser arrastados para terrenos bem diversos, por todo um paralelograma de forças que eles não controlam.

3. Transpondo a fronteira das sociedades de classes

O grande desafio teórico e político da transição para um modo de produção comunista é o de saber até que ponto este será um processo consciente, já próprio da nova era que assim se abre, em que a razão histórica enfim se conhece como contemporânea a si própria. Ou se será, pelo contrário, em grande medida, ainda um processo “cego”, próprio do estágio natural da história humana.

O novo “continente” científico aberto pelos fundadores do marxismo tem aqui a sua prova real. *Hic Rhodus, hic salta!* É a altura de se saber se o problema da passagem a uma sociedade sem classes – transparente a si própria nos seus fundamentos e determinações – é realmente um problema que a humanidade colocou a si própria numa altura em que estava já (ou começava a estar) em condições de o resolver. Ou se, pelo contrário, se trata de um falso problema, de uma simples ilusão religiosa milenarista, como reclamam insistentemente os ideólogos burgueses. O império da exploração e da opacidade seria eterno.

A avaliar pela experiência acumulada no longo ciclo revolucionário do século XX, a transição para o comunismo é ainda um processo misto. Em parte já semi-consciente, mas efectuando-se por tentativa e erro, digamos assim, sem resultados assegurados à partida. Do ponto de vista das classes trabalhadoras, a revolução social é intentada assim que sejam reunidas as forças e a confiança necessárias para isso. O poder será tomado assim que surja a mais pequena frincha de oportunidade para tal, por entre os miasmas do corpo em putrefacção do capitalismo. Depois se verá.

Aqui e ali, a Norte como a Sul, iremos picando, moendo a muralha da dominação de classe burguesa. Algumas vezes iremos penetrar. Algumas vezes iremos consolidar posições de poder proletário. E daí, eventualmente, irá nascer um mundo novo, com uma superior organização das técnicas e saberes socialmente disponíveis.

É claro que quando nós avançarmos para a tomada do poder teremos (ou deveremos ter) uma ideia do que queremos atingir historicamente. Com base nessa ideia teremos (ou deveremos ter) um programa político de transição.

Essas são as nossas tarefas mais urgentes, de hoje já⁹. Este elemento de planeamento é que faz toda a diferença específica entre esta e todas as transições históricas do passado. Mas, no tumulto de uma agudização extrema das lutas de classes, das ideias e programas à realidade vai uma grande distância. E então? Avançamos.

O proletariado mundial pode bem fazer suas as palavras de Lutero: *Ich kann nicht anders* (Não posso fazer de outro modo). Uma insurreição, num determinado local, em dadas circunstâncias, pode ainda ser matéria de opção. Mas a luta de classes – e o seu corolário lógico, que é a revolução social – já não o é de todo. É uma imposição objectiva. A única opção aqui é fazê-la de olhos abertos ou deixar-se arrastar cegamente pela torrente desordenada dos acontecimentos.

Outro factor que caracterizará esta transição como semi-consciente é que ela se processará, pela primeira vez, numa história que, hoje, é mundial. O ponto de ruptura inicial pode ser localizado no centro ou na periferia do sistema capitalista global. Neste último caso obedeceria ainda, de certa forma, ao modelo de Goblot, dando razão à imensa literatura marxista que desde o início do século XX vem sustentando que o compromisso social-imperialista nas metrópoles centrais impede aí a ocorrência de um desenlace revolucionário.

Mas o processo de transição diz respeito a todo o planeta, desenrolando-se “em directo” perante a atenção empenhada de todo o proletariado mundial. Pode haver determinadas formações sociais que se revelem, à partida, mais aptas a dar suporte imediato às relações de produção emergentes, mas essa “vantagem” inicial rapidamente se esbaterá porque o conhecimento circulará universalmente, sem entraves. Liberto dos imperativos da valorização do capital, não será mais possível encerrá-lo indefinidamente em “novas *enclosures*”. Vencidas as resistências do poder burguês, os meios de produção mais avançados e a formação no seu uso podem transmitir-se de pronto, generalizando-se no período de uma ou duas gerações.

Feliz ou infelizmente, os revolucionários não poderão nunca tudo saber e tudo prever. Haverá certamente distorções neste percurso para a nova sociedade, obstáculos imprevistos na penumbra. Possivelmente novas derrotas e recuos. A luz plena, se ela existe, jorrará apenas à chegada. Que será, ela própria, novo ponto de partida para um percurso histórico, agora sim, plenamente

9. Um esforço meu de delineamento de uma estratégia de passagem à sociedade sem classes está contido em ‘Novos rumos do comunismo’. Um esboço de programa de transição, à escala mundial, pode ser lido em ‘Que outro mundo é possível?’. Ambos estes ensaios estão incluídos neste volume.

consciente. Percurso esse em que a lancinante angústia da liberdade tomará enfim o lugar das presentes grilhetas da sujeição, da ignorância e da idolatria mercantil.

Junho de 2005

6

O CASO SNOWDEN

Edward Joseph Snowden nasceu em Junho de 1983 numa pequena cidade da Carolina do Norte, filho de um oficial da guarda costeira e de uma funcionária judicial. Os seus pais divorciaram-se muito cedo, ficando a criança a cargo do pai e de uma madrasta. Era um rapaz tímido e afável, desde sempre muito articulado e demonstrando profundidade de pensamento. No entanto, não chegou a concluir sequer os estudos secundários. Em 2004 alistou-se como recruta em forças especiais do exército norte-americano, mas não completou o treino, tendo sofrido um acidente que o incapacitou, com fratura de ambas as pernas. Nessa altura aspirava a combater na guerra do Iraque, para “libertar” o seu povo da opressão.

Considerava-se então já um “mago dos computadores”. Foi certamente o que pesou na decisão da Central Intelligence Agency (CIA) de empregar este jovem como administrador de sistemas e técnico de telecomunicações, em 2006. No ano seguinte, sob capa diplomática, estava já a trabalhar para a agência de espionagem norte-americana na Suíça. Em 2009 saiu formalmente da CIA e começou a trabalhar dentro do círculo da National Security Agency (NSA), em empresas suas contratadas. A primeira delas foi a Dell, ao serviço da qual esteve colocado numa base militar norte-americana no Japão. Nos inícios de 2013 transitou para a Booz Allen Hamilton, ficando colocado no Hawaii.

O seu trabalho consistia em procurar meios de aceder a comunicações telefónicas e de internet em todo o mundo. Para esse efeito, aliás, frequentara com aproveitamento um curso de pirata informático (*certified ethical hacker*).

Os seus talentos de base e o nível dos serviços prestados eram considerados excepcionais, garantindo-lhe acesso praticamente ilimitado a dados da NSA. O que os seus supervisores não anteciparam foi que, com base nesses privilégios, provavelmente desde 2009 (senão mesmo antes), Snowden começou a recolher pessoalmente uma gigantesca base documental sobre operações secretas de vigilância de comunicações pessoais, com vista a denunciá-las publicamente, abrindo assim um debate democrático sobre essas práticas securitárias abusivas³⁵.

As primeiras revelações vieram a público em maio e junho de 2013, em *The Guardian*, *The Washington Post* e *Der Spiegel*, com a colaboração do jornalista Glenn Greenwald e da cineasta documental Laura Poitras³⁶. Foram as matérias sobre registo dos “metadados” de todas as chamadas telefónicas (a operadora Verizon fornece diariamente esses dados em obediência a uma decisão judicial secreta), o programa clandestino norte-americano de vigilância global PRISM, o seu equivalente britânico TEMPORA, a ferramenta de visualização e análise de dados *Boundless Informant*, as escutas da NSA em missões diplomáticas da União Europeia e na sede da O.N.U.. Empresas que fornecem ao programa PRISM todos os elementos que possuem sobre os seus utilizadores e sua atividade em linha incluem a Microsoft (desde a primeira hora), a Yahoo, a Google, Facebook, PalTalk, Youtube, Skype, AmericaOnline, Apple. A colaboração destas e outras empresas é voluntária, forçada por decisões judiciais secretas de um tribunal secreto (o *Foreign Intelligence Surveillance Court*), com base em leis secretas, ou mesmo dispensada de todo, sendo os dados em seu poder acedidos pela NSA por forma não consentida. Na verdade, há aqui, por parte destas empresas, na maioria dos casos, um consentimento de facto, hipocritamente não assumido, deixando entreabertas as “portas traseiras” dos seus sistemas, por meio das quais os agentes ao serviço da NSA podem aceder a tudo que lhes interessar.

Ficou patente desde a primeira hora, perante todo o mundo, que a NSA alberga o propósito de reunir dados pessoais detalhados, bem como registos integrais das comunicações de qualquer indivíduo ou organização, em qualquer altura, em qualquer local no mundo, para poderem ser analisadas e tratadas quando o entender conveniente, tudo isto a coberto do mais absoluto

35. Informações recolhidas no artigo Edward Snowden da Wikipedia em língua inglesa http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Snowden.

36. Sobre o encontro entre Snowden, Glenn Greenwald e Laura Poitras, seus peculiares métodos de trabalho e estilo de colaboração, leia-se Peter Maass, Mande sua chave <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/mande-sua-chave/>.

sigilo, sem qualquer controlo judicial sério ou escrutínio público. Esta mesma opacidade, aliás, permite facilmente prever que os dados recolhidos e armazenados por esta vigilância totalitária poderão vir a ser sujeitos a desvios e tráficos variadíssimos. Em suma, quem dispuser dos meios adequados em termos de poder, dinheiro e conexões, poderá saber tudo o que quiser, sobre toda a gente, em qualquer altura, podendo depois usar esses conhecimentos secretos, manipulados a seu talante, para a prossecução dos seus fins próprios, tipicamente por meio da difamação, da intimidação e da chantagem. Não há só um *big brother* a vigiar-nos. Será *big brother* quem o puder. Operar-se-á assim uma disseminação radical do poder coativo do Estado sem qualquer vinculação à lei, fosse ela secreta. Só o dinheiro será lei. Nesse particular, é um interessante precursor de coisas certamente muito piores, ainda a vir, o caso das escutas ilegais realizadas pelo império mediático de Rupert Murdoch, servindo-se de meios e recursos policiais em conluio com as elites políticas britânicas³⁷.

Estão em causa todas as comunicações realizadas por telefone (móvel ou fixo), internet (correio eletrónico, navegação na rede, mensagens instantâneas, redes sociais, skype, buscas), rádio e televisão, GPS, etc., etc.. Basicamente, todos os dados codificados que circulem em fibra ótica ou deixem um rasto de radiação eletromagnética, estão a ser intercetados, medidos, analisados, classificados e armazenados para possível observação posterior, podendo a qualquer altura ser acedidos e examinados em tempo real. Nos E.U.A., por onde passam grande parte das comunicações digitais mundiais, existem dezenas de centros de interceção e um gigantesco centro de recolha de dados, situado em local remoto no estado de Utah. Transações comerciais, operações bancárias, fruição cultural, dados médicos, deslocações pessoais, conversas íntimas, nada está a salvo da espionagem global.

A partir desse ponto, a história aventureira de Snowden foi sendo publicamente conhecida em tempo real. No Hotel Mira em Hong Kong fez corajosamente a sua revelação pública como autor das fugas de documentos da NSA e anunciou os seus propósitos³⁸. Procurou chegar por via aérea à América Latina para solicitar aí asilo político (em Cuba, Venezuela ou Equador), mas a revogação do seu passaporte pelas autoridades norte-americanas forçou-o a permanecer durante mais de um mês no aeroporto de Sheremetyevo, em Moscovo, onde deveria passar apenas em trânsito. Com ele ficou aí Sarah Harrison, conselheira jurídica da WikiLeaks. Finalmente, foi-lhe concedido

37. Cf. HackedOff. The campaign for a free + accountable press <http://hackinginquiry.org/>.

38. Veja-se e reveja-se a memorável entrevista de 6 de junho de 2013 conduzida por Glenn Greenwald para a câmara de Laura Poitras em <https://www.youtube.com/watch?v=5yB3n9fu-rM>.

um asilo temporário na Federação Russa, a 1 de agosto de 2013, sendo mantido desde então em local secreto e sob proteção das autoridades moscovitas. Pelo meio, ficou um extraordinário episódio do sequestro e pirataria europeia sobre o avião presidencial de Evo Morales (participaram os governos francês, italiano, austríaco, espanhol e português) por imposição dos serviços de segurança norte-americanos, suspeitosos de que Snowden poderia estar a bordo.

Entretanto, a sanha persecutória e caluniadora do complexo militar-securitário-judicial dos E.U.A. atingia níveis absolutamente demenciais, exacerbados por uma caricata e inabitual impotência. Para lá das constantes e desveladas ameaças de morte, existe uma acusação criminal de roubo de propriedade governamental e espionagem (ao abrigo de uma lei de guerra datada de 1917) que não é compatível com a realização de um julgamento público decente, com garantias efetivas de defesa. Na prática, é mais adequada à execução de um rapto e desapareição carcerária tingidos com uma leve demão de pretensa legalidade. Já foi o caso com Bradley Manning e é uma ameaça pendente sobre Julian Assange, apesar de este último não ser de nacionalidade norte-americana nem ter praticado quaisquer actos a que pudesse ser remotamente assacada qualquer relevância penal em território dos E.U.A.. Como cantava Zeca Afonso em ‘Coro dos Tribunais’: “já que o punhal não mata bem / a lei matemos também”.

Tudo isto era absolutamente previsível, mas não deteve nem intimidou Snowden. De um modo que mesmo George Orwell teria tido dificuldade em imaginar, este jovem de 29 anos resolveu desafiar, de forma inteiramente solitária, os maiores e mais implacáveis poderes à face da Terra. E o facto é que, até ao momento, tem conseguido manter a sua posição, ganhando paulatinamente terreno na opinião pública mundial. De tal forma que já recebeu elogiosos editoriais e foi objeto de pedidos de clemência do *New York Times* (1.1.2014). Para não falar de prémios e honrarias diversos um pouco por toda a Europa. Na verdade, mesmo no braço de ferro direto com a administração norte-americana, esta última está já a dar abundantes sinais de cedência. Não só se sentiu na necessidade de proclamar reformas cosméticas nas regras de atuação da NSA, envia também sinais de que está pronta para firmar um compromisso com o próprio Snowden, moderando ou deixando cair discretamente as acusações criminais contra ele. Agora é este último que faz questão de frisar que não está interessado em garantir a sua segurança pessoal a qualquer custo, ou seja, envolvendo no processo qualquer grau de sacrifício da sua missão de defesa do interesse público e das liberdades essenciais do cidadão.

Este incrível triunfo num desafio tão absurdamente assimétrico deve-se sem dúvida ao facto de Snowden ter seguido uma estratégia realista, bem

calculada e sem ilusões românticas ou voluntaristas. Foi uma atitude de extraordinária coragem física, mas também de frio calculismo. Sabia perfeitamente com quem estava a lidar, soube escolher as armas que mais moosa podiam fazer ao adversário e usá-las, na altura certa, de forma eficiente e desapejada. Segundo as mais abalizadas estimativas, terá em seu poder 1.700.000 ficheiros de espionagem norte-americana, 58.000 britânicos e 15.000 australianos. Todo este material está depositado de forma encriptada em locais seguros, à disposição de várias pessoas de confiança, em diversas partes do mundo, as quais foram instruídas para o revelar publicamente assim que surgisse algum problema com a segurança pessoal ou a liberdade de movimentos de Snowden. As revelações até agora feitas foram ínfimas, ditadas muitas delas por razões de pura oportunidade ou cortesia (espionagem sobre a China, sobre Merkel, sobre Dilma Rousseff).

O acervo total dos documentos desviados por Snowden comporta um risco diplomático e de segurança absolutamente esmagador para o imperialismo norte-americano e seus aliados mais próximos. A primeira abordagem ao problema, baseada na difusão histórica do epíteto de traidor e na perseguição pessoal com conspícua ameaça à vida do *whistleblower* está agora completamente comprometida. Depois de muito ranger de dentes, de patéticos gestos e esgares de raivosa impotência, a situação agora é completamente outra. Do ponto de vista do Estado norte-americano, todas as reais opções atualmente disponíveis são más e, dentre elas, a menos horrível acabará mesmo por ser, provavelmente, conceder um triunfo moral completo ao jovem *ethical hacker*. Sem que isso implique, naturalmente, qualquer real sacrifício nos programas de vigilância global, pois que esses correspondem a uma necessidade do próprio processo de acumulação de capital, na sua atual fase de impasse histórico.

Snowden está muito longe de ser um revolucionário ou um socialista. Nas últimas eleições presidenciais norte-americanas apoiou mesmo monetariamente o conservador libertário Ron Paul, nas primárias do Partido Republicano. Acredita firmemente na economia de livre iniciativa privada, na propriedade intelectual e mesmo em todas as atuais instituições do seu país, que julga serem perfeitamente capazes de corrigir o que considera serem simples práticas abusivas, perigosas sim, mas localizadas. Não está de modo algum isento daquele toque de chauvinismo muito típico do norte-americano médio. Todas as suas ações são motivadas por uma consciência democrática e liberal de recorte absolutamente clássico. As suas alegações jurídicas e proclama-

ções doutrinárias, frequentemente assaz densas, poderiam ser subscritas por um Isaiah Berlin ou um Karl Popper³⁹.

No entanto, estamos perante um proscrito, um verdadeiro “dissidente” como era costume designar os refractários à ordem vigente nos países do “socialismo real”. E este é um fenómeno novo no mundo ocidental, neste início de século XXI, em sociedades que nos habituáramos a considerar pluralistas e tolerantes. Não é mais assim. Com a crise de lucratividade do capital e a guerra social que com ela se desencadeou sobre as classes laboriosas, vivemos hoje, na Europa e nos países de colonização anglo-saxónica, em sociedades em que a democracia se tornou uma farsa ritualizada e as liberdades públicas se degradam continuamente⁴⁰. Mesmo princípios constitucionais básicos da tradição demo-liberal como a divisão de poderes sofrem entorses consideráveis. Desapareceram os *checks and balances*. Não existe imprensa livre nem jornalismo de investigação digno desse nome. Há, sim, uma verdade oficial sobre os acontecimentos correntes, que todo o ser pensante reconhece como mentira, mas que não pode ser desafiada, por qualquer forma, nos meios de comunicação de massas. A liberdade académica é seriamente cerceada, em favor da mercantilização e do “pensamento único”. O que vigora efetivamente, de forma cada vez mais crua, evidente e sem peias, é a ditadura do capital, uma ordem totalitária imposta pela classe proprietária.

A falência completa do Estado de Direito constata-se a toda a hora, em episódios como as execuções sumárias internacionais (*drones*); o sequestro, tortura, e detenção ilegal por tempo indeterminado, em locais secretos, de milhares de cidadãos; o trânsito aéreo clandestino de detidos e sequestrados; a perseguição judicial internacional a Julian Assange, com acusações instrumentais forjadas e hipócritas; a detenção de David Miranda, companheiro de Glenn Greenwald, no aeroporto de Heathrow (Londres), com base em ridículas suspeitas de “terrorismo”. A multiplicação destes episódios dá crescente

39. Cf., por exemplo, o seu Testemunho e resposta a questões colocadas por deputados do Parlamento Europeu em <http://www.europarl.europa.eu/document/activities/cont/201403/20140307ATT80674/20140307ATT80674EN.pdf>; a breve Mensagem de Natal Alternativa para a estação de televisão britânica Channel 4 em <https://www.youtube.com/watch?v=QA5Odb0fg5I>; excertos do seu discurso ao receber em Moscovo o prémio Sam Adams em <https://wikileaks.org/Video-Edward-Snowden-wins-Sam.html>; ou a sua entrevista por tele-robot para TED.com em Vancouver ‘Here’s how we take back the internet’ em http://www.ted.com/talks/edward_snowden_here_s_how_we_take_back_the_internet.

40. Cf. Edgardo Lander, El fin de la democracia liberal: La desigualdad en las sociedades capitalistas post-democráticas http://www.tni.org/sites/www.tni.org/files/el_fin_de_la_democracia_liberal_la_desigualdad_en_las_sociedades_capitalistas_post-democraticas.pdf

credibilidade às acusações de perseguição política abusiva e legítima a concessão de asilo político ou humanitário, por parte de países da periferia, a foragidos do mundo ocidental, em contracorrente do que era até aqui habitual.

Naturalmente, como Marx ensinou, as instituições e a ideologia de uma sociedade de classe são sempre as da classe dominante. O que se passa, porém, é que ocorre um estreitamento notório do bloco social no poder, em torno das grandes oligarquias monopolistas, financeiras e rentistas. A crise de 2008 resultou, para já, numa consolidação do seu poder exclusivo, imposto pelo terror. Com a acentuação da polarização social (rarefação das “classes médias”), a democracia burguesa reforça o seu carácter estruturalmente censitário. Com isso se conjuga um brutal restringimento do leque de opções políticas julgadas aceitáveis e que, como tal, depois de cuidadosamente escrutinadas, são admitidas a sujeitar-se ao sufrágio eleitoral. Concomitantemente, existe um fechamento dos espaços de debate e uma compressão da possibilidade de expressão de visões sociais alternativas. Todas as questões de relevância pública estão sujeitas a tratamento com “língua de pau”. Daí resulta - porque o espírito humano é teimoso e, como queria Dylan Thomas, se recusa a entrar gentilmente nessa boa noite - a ocorrência deste surto de dissidentes: Bradley (agora Chelsea) Manning, Julian Assange, Edward Snowden e Glenn Greenwald são as estrelas, mas existe um exército incontável na sombra. Inclusive, homens e mulheres que já pagaram com a vida a sua ousadia inconformista e de quem, provavelmente, pouco ouviremos falar.

Michael Hastings (1980-2013) foi um jornalista *free-lancer* residente em Los Angeles, colaborador da revista *Rolling Stone* e do sítio noticioso *Buzz Feed*. Os seus trabalhos sobre o general norte-americano Stanley McChrystal, comandante das forças norte-americanas no Afeganistão, conduziram à sua demissão. Tornou-se um crítico feroz da vigilância e intimidação praticadas pela administração Obama sobre jornalistas. A 18 de junho de 2013 faleceu num suspeito acidente automóvel que, tudo o indica, terá sido provocado por interferência eletrónica sobre o acelerador e travões do seu Mercedes C250 Coupé. Hastings preparava então uma “grande investigação” sobre o diretor da CIA John Brennan e acreditava estar a ser seguido permanentemente por forças de segurança, inclusive por helicóptero. Cf. Carl Gibson, Who killed Michael Hastings? <http://www.occupy.com/article/exclusive-who-killed-michael-hastings>.

Naturalmente, estes jovens (e alguns não tão jovens) contestatários não têm ainda um pensamento crítico aprofundado. Mas é interessante verificar como estão armados, pelo menos, por um certo sentido de decência e pela

consciência de uma irrecusável e incomprimível dignidade essencial no ser humano. Quem utilizou, durante anos a fio, os serviços de Edward Snowden como mago dos computadores, jamais pensou, certamente, que neste jovem e prodigioso hacker pudesse habitar afinal uma consciência. Pois bem, enganou-se. O processo de insignificação geral incluído na espiral acelerada da mercantilização da vida social não está assim votado a um sucesso assegurado.

Esta admirável história de coragem ao serviço de princípios ficará, sem dúvida, como um dos momentos definidores da nossa época, por diversas razões.

Na sua *Carta Aberta ao Povo do Brasil*, Snowden afirma, a dado passo:

“Existe uma diferença enorme entre programas legais, espionagem legítima, atuação policial legítima – em que indivíduos são vigiados com base em suspeitas razoáveis, individualizadas – e esses programas de vigilância em massa para a formação de uma rede de informações, que colocam populações inteiras sob observação onipresente e salvam cópias de tudo para sempre.

Esses programas nunca foram motivados pela luta contra o terrorismo: são motivados por *espionagem econômica, controle social e manipulação diplomática. Pela busca de poder*” (sublinhado nosso, AN)⁴¹.

Esta síntese resultou certamente de uma longa e extensa observação casuística, sendo bastante operativa, ainda que Snowden não disponha de instrumentos conceituais apurados para uma análise social verdadeiramente profícua. Vale a pena, ainda assim, determo-nos um pouco nela.

A espionagem econômica é um dos objetivos centrais da teia global de vigilância, como ficou patente de forma esclarecedora com a denúncia das escutas à Petrobrás, esse já antigo engulho do imperialismo *yankee*. Na era que Samir Amin caracterizou como de capitalismo monopolista generalizado⁴² não podia deixar de ser assim. A vigilância eletrônica serve para manter na dependência e subalternidade fornecedores, subcontratados e todos os demais atores subsidiários na cadeia hierárquica predatória da apropriação da mais-valia. Do mesmo modo que se intensifica a dominação sobre o trabalho, também se

41. Cf. Nadiajda Ferreira, Edward Snowden escreve carta aberta para o povo brasileiro <http://gizmodo.uol.com.br/edward-snowden-carta-aberta-brasil/>. Tradução de Clara Allain.

42. Como introdução a este conceito, leia-se Entrevista com Samir Amin: O mundo visto do Sul <http://www.diarioliberalidade.org/artigos-em-destaque/414-batalha-de-ideias/26056-entrevista-com-samir-amin-o-mundo-visto-desde-o-sul.html>.

aperta o anel compressor sobre os capitalistas menores, em favor dos grandes monopólios e, finalmente, da alta finança.

Outro campo em que se expande de uma forma exponencial a espionagem económica é na captura, tratamento, compilação e venda de informações pessoais com valor comercial. Género, idade, nível de rendimentos, história bancária, hábitos de consumo, preferências culturais, pesquisas feitas em motores de busca, vida social, padrões de contatos e deslocações, tudo isso são dados sequiosamente procurados por grandes empresas para poderem fazer campanhas cada vez mais dirigidas e agressivas. Este é, naturalmente, um campo em que a espionagem económica pode ter uso dual, servindo também para controlo social. Autoridades securitárias e policiais poderão naturalmente vasculhar todos esses dados, aos quais têm discricionário acesso, pelas “portas traseiras” que lhes são intencional e discretamente franqueadas, em permanência.

Há ainda um segundo campo de espionagem económica, este de recorte mais horizontal, onde o conflito se dá entre pares. Onde ainda existe, nos dias de hoje, alguma concorrência no mundo capitalista, é entre monopólios de diferente base territorial, em busca da hegemonia regional ou global, em mercados por vezes estagnados ou mesmo em retração. Passa-se isso na indústria automóvel, na indústria aero-espacial, nos armamentos, nas telecomunicações, na eletrónica, na pesquisa de materiais, nas biotecnologias, máquinas-ferramentas, na produção de energia, etc.. É o mundo em roda livre da *competitive intelligence*. A espionagem origina e suporta a apropriação de segredos industriais e comerciais, a diplomacia, a sabotagem, a chantagem e a corrupção, em processos paralelos e muito bem imbricados. Tudo isso se dá com o pleno apoio dos Estados imperialistas em que se sediam os monopólios ditos campeões nacionais. Recursos e agentes públicos e privados entrecruzam-se aqui numa total promiscuidade. Um campo privilegiado de ação é o ciberataque. Estimava-se em 2010 que 50.000 corporações são alvo de ataques conduzidos pela internet todos os dias, com a frequência destas ocorrências duplicando a cada ano que passa⁴³. A mobilização de recursos e informações privilegiadas, bem como o carácter organizado destas operações, só estarão ao alcance dos Estados mais poderosos, sendo aqui reconhecidos como grandes protagonistas a China e os E.U.A., estes dispendo já de um Ciber-Comando nas suas Forças Armadas⁴⁴.

43. Cf. This is Money, Chinese hackers blamed for cyber attack wave <http://www.thisismoney.co.uk/money/news/article-1687393/Chinese-hackers-blamed-for-cyber-attack-wave.html>.

44. Cf. Statement of General Keith B. Alexander Commander United States Cyber Command before the Senate Committee on Armed Services 12 March 2013 <http://nsarchive.gwu.edu/>